

Nós e os Outros – o Fundamentalismo como Sintoma de uma Interação Grupal Primitiva

O que nos torna humanos, também nos torna religiosos. (THOMSON, A. 2008)

Conferência apresentada no XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIA DE GRUPO e no IX ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE GRUPANÁLISE E PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO, na mesa Pensamento Fundamentalista: Origens e Consequências. Porto Alegre, 1 dez. 2007.

Author:

Sebastião Molina Sanches

Grupoterapeuta com ênfase em Gestão de Pessoas formado pela SPAG-CAMP, Campinas – SP. Graduado em Análise de Sistemas pela PUCCAMP.

Email: smsanches1@yahoo.com.br

Resumo

A palavra “fundamentalismo”, em sua conotação atual, apareceu pela primeira vez entre os cristãos protestantes dos Estados Unidos, como reação à influência das ideias iluministas na teologia protestante da época. Esta reação proporcionou maior coesão aos grupos, que passaram a se denominar “fundamentalistas”. Trata-se, porém, de uma coesão primitiva, dentro da perspectiva do suposto básico de “luta e fuga” desenvolvido por Bion, uma vez que identifica um suposto inimigo comum e organiza os grupos em torno de ações que pretendem resgatar a pureza ou a idealização de suas origens. Esta conotação do termo “fundamentalismo” passou a ser usada em outros contextos religiosos, o que tem sido contestado por alguns autores. No entanto, alguns fenômenos permitem uma aproximação de suas características, notadamente no mundo muçulmano. A religiosidade ainda é um aspecto relevante das vivências humanas, com consequências institucionais e sociais relevantes.

Ao caminhar pela cidade de Lisboa e observar o espaço urbano significativo ocupado pelas muitas construções de caráter religioso, refleti sobre o quanto desta herança religiosa ainda está para ser acolhida e transformada. Nesse sentido, penso que, no âmbito da psicanálise, é de suma importância ir além das questões levantadas por Freud sobre religião, para podermos realizar intervenções profícuas no âmbito das psicoterapias analíticas de grupo/grupanálise e articular reflexões que promovam uma elaboração essencial à diminuição da violência perpetrada por grupos ou ideologias tidos como fundamentalistas.

Palavras-chave: fundamentalismo, cristãos protestantes, coesão grupal primitiva, muçulmanos, religião, psicanálise.

Origem do fundamentalismo: reação religiosa, de cunho conservador, às ideias iluministas

A primeira vez que um movimento religioso recebeu o nome de fundamentalista foi no final do século XIX, nos Estados Unidos. Em 1895, grupos de protestantes conservadores reuniram-se no Congresso Bíblico Americano, em Niágara, no Estado de Nova York, reagindo às ideias da chamada “teologia liberal” ou “liberalismo teológico”.

Segundo Augustus Nicodemus Lopes, chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o liberalismo teológico surgiu em decorrência da influência do pensamento iluminista na teologia cristã, fruto do racionalismo de Descartes, Spinoza e Leibniz e do empirismo de Locke, Berkeley e Hume (LOPES, A. N., 1995). Esta influência pode ser percebida principalmente no esforço para compatibilizar a crença em Deus com os postulados do racionalismo. Muitos teólogos, apesar de continuarem a afirmar a existência de Deus, passaram a negar sua intervenção na História, quer através de sua revelação, quer através de milagres ou da providência divina.

Um das questões centrais combatidas pelos fundamentalistas dizia respeito ao uso do “método histórico-crítico” para interpretação da Bíblia, principalmente entre os teólogos alemães. Este método inclui várias disciplinas: crítica textual, análise filológica (linguística: morfologia, sintaxe e semântica), crítica literária, estudo crítico das formas e dos gêneros literários, crítica das tradições pré-literárias e das redações.

A reação conservadora implicou várias ações. No meio acadêmico, surgiu como um rearranjo de forças em universidades como Princeton, Yale e Harvard. Foram tomadas também algumas medidas legislativas visando à aprovação de leis limitando o ensino das ideias desprezadas pelos fundamentalistas. Entre 1910-1915 foram impressos e distribuídos por todo o país mais de três milhões de exemplares de uma pequena coleção de livros intitulada *Fundamentals: A Testimony of the Truth*, contendo artigos escritos por teólogos conservadores como J. G. Machen, John Murray, B. B. Warfield, R. A. Torrey, Campbell Morgan e outros. O conteúdo principal dessa publicação pode ser resumido em cinco pontos fundamentais (*Fundamentals of Faith*):

- *A absoluta veracidade, inspiração divina, infalibilidade e inerrância das Escrituras, com a conseqüente exclusividade de sua interpretação literal.*
- *O nascimento virginal de Jesus.*
- *A ressurreição física de Jesus.*
- *A autenticidade histórica dos milagres de Jesus como prova de sua divindade.*
- *A expiação dos pecados por meio do sacrifício de Cristo, tornando desnecessária a justificação pelas obras.*

A expressão “fundamentalismo” apareceu com destaque em 1920 no jornal batista *Watchman Examiner*, citada por seu editor, reverendo Curtis Lee Laws, e logo foi orgulhosamente incorporada por várias denominações religiosas que se identificavam com esses cinco princípios. A interpretação dos textos bíblicos revelou-se uma questão crucial para os fundamentalistas, numa reação feroz ao método histórico-crítico. Para os

fundamentalistas, uma vez que a Bíblia era aceita e entendida como a Palavra de Deus inspirada e isenta de erros, ela deveria ser lida e interpretada, em todos os detalhes, de forma literal.

Esta abordagem literalista teve e ainda tem expressão relevante no campo das ciências biológicas, em especial na controvérsia em torno das teorias darwinistas (“seleção natural” e “evolução das espécies”). Em oposição ao evolucionismo de Darwin, os fundamentalistas passaram a defender o chamado “criacionismo”. O julgamento de John Scopes, em 1925, no Tennessee, é bastante emblemático. John Scopes, professor do ensino secundário, foi processado por ensinar a teoria da evolução de Darwin aos seus alunos, o que era proibido por uma lei estadual. Este processo despertou grande interesse da opinião pública e apesar de uma condenação inicial, John Scopes acabou sendo absolvido posteriormente por uma questão técnica. O julgamento ficou conhecido como “julgamento do macaco” (*monkey trial*) e mudou a opinião pública em relação aos fundamentalistas, que passaram a ser associados a certo radicalismo anti-intelectual. Esse episódio marcou profundamente a visão atribuída pela mídia em geral ao termo fundamentalista, que passou de lisonja a ofensa.

O fundamentalismo cristão protestante acarretou muitas outras consequências ao longo da história dos Estados Unidos, entre elas o surgimento dos tele-evangelistas (*eletronic church*), com Pat Robertson, Jimmy Swaggart, Jimmy Bakker, Rex Humbard e Benhard Johnson na década de 50, e da “maioria moral” (*moral majority*), nos anos 70, por Jerry Falwell, com grande influência na eleição de Ronald Reagan e, posteriormente, nas eleições dos dois presidentes Bush, pai e filho.

Frente à ameaça da perda do ideal, a tendência é o retorno às origens idealizadas

Para Calvani, “o fundamentalismo foi gerado num contexto onde a sociedade cristã norte-americana viu o seu ideal de nação eleita sendo ameaçado pelos males sociais oriundos da guerra civil, da escravidão, dos novos imigrantes e pelo surgimento da teoria evolucionista darwiniana”. (CALVANI, C. 2003). Segundo Oro, “o surgimento do movimento fundamentalista é o resultado de profundas contradições existentes, tanto no âmbito interno do protestantismo, como nas relações entre o contexto social e o universo de representação religiosa”. (ORO, I. 1996).

De acordo com Pace, “retornar à raiz, restituir pureza, integridade, plenitude a um conteúdo de verdade imutável: é este o principal ideal dos vários fundamentalismos”. (PACE, E. 1990). Para alcançar esse objetivo, simplifica-se a “verdade imutável”: para o fundamentalista cristão, a Bíblia (a partir de uma abordagem literalista), para o muçulmano, o Alcorão e a Suna, e para o judeu, a Torá. Aqueles que, interna ou externamente, se opõem ou questionam a simplificação literalista ou a idealização do passado são hostilizados.

Movimentos religiosos que, de tempos em tempos, exortam seus fiéis para que retomem a pureza original e voltem ao estado idealizado de seus antepassados, proibindo a verificação de sua autenticidade, provocam uma grande mobilização e reforçam a coesão

grupais. No entanto, trata-se de uma coesão primitiva ou regredida, como descrita por Bion no suposto básico de “luta e fuga” (BION, W. R. 1975). Movimentos assim requerem a identificação de um inimigo, que deve ser agredido para que a pulsão de morte seja projetada no outro. Esse movimento de regressão sempre propõe certezas concretas e verdades absolutas. A posição dos líderes é fortalecida, uma vez que são considerados guardiões divinos. Assim, a divindade perde parte da sua importância, e os preceitos, o livro sagrado, ou até mesmo o inimigo, adquirem relevância transcendente.

Freud descreve, em *O Futuro de uma Ilusão* (1927), alguns aspectos da religiosidade proposta pelos movimentos fundamentalistas:

Quando indagamos em que se funda sua (a religião) reivindicação a ser acreditada, deparamo-nos com três respostas, que se harmonizam de modo excepcionalmente mau umas com as outras. Em primeiro lugar, os ensinamentos merecem ser acreditados porque já o eram por nossos primitivos antepassados; em segundo, possuímos provas que nos foram transmitidas desde esses mesmos tempos primevos; em terceiro, é totalmente proibido levantar a questão de sua autenticidade. Em épocas anteriores, tal presunção era punida com os mais severos castigos, e ainda hoje a sociedade olha com desconfiança para qualquer tentativa de levantar novamente a questão.

Os movimentos fundamentalistas são típicos das religiões monoteístas praticadas pelos filhos de Abraão: judeus, cristãos e muçulmanos. Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud investiga as peculiaridades do judaísmo, principalmente os ganhos psíquicos decorrentes do monoteísmo e do fato de se considerarem o povo escolhido (FREUD, S. 1939). Entre os argumentos defendidos pelos líderes de movimentos fundamentalistas, a insistência no monoteísmo e o conceito de “povo escolhido” sempre aparecem. Freud faz também o seguinte comentário a respeito da fundação do Islã:

Às minhas informações limitadas, posso talvez acrescentar que o caso da fundação da religião maometana me parece assemelhar-se a uma repetição abreviada da judaica, da qual emergiu como imitação. Parece, na verdade, que o Profeta pretendia originalmente aceitar o judaísmo completamente, para si e para seu povo. A retomada do grande e único pai primevo trouxe aos árabes uma extraordinária exaltação de sua autoconfiança, que conduziu a grandes sucessos mundiais, mas neles exauriu-se. Alá mostrou-se muito mais grato a seu povo escolhido do que Javé ao seu. Mas o desenvolvimento interno da nova religião logo se interrompeu, talvez por lhe faltar a profundidade que, no caso judaico, fora causada pelo assassinato do fundador de sua religião. (FREUD, S. 1939).

É curioso notar que Freud defende aqui a ideia de que o Moisés verdadeiro, o fundador do monoteísmo do povo hebreu, foi assassinado.

Mudança e decadência

Dentro de nossa abordagem dos movimentos fundamentalistas, observamos as características descritas por Freud sobre religião e a ligação entre judaísmo e islamismo, bem como as considerações sociológicas, para estabelecer as conexões entre o fundamentalismo cristão protestante norte-americano e o assim chamado (principalmente pela mídia) fundamentalismo islâmico. Antes de prosseguir, porém, é importante destacar uma diferença que considero relevante, em termos de conseqüência, entre esses dois fenômenos.

No fundamentalismo norte-americano não há uma fusão (talvez fosse melhor dizer “confusão”) entre poder religioso e Estado, o que se percebe a partir dos locais onde se dão os embates: universidades, igrejas, tribunais e instâncias legislativas, ou seja, no seio das instituições de um Estado democrático laico.

Já no fundamentalismo islâmico é possível perceber uma fusão entre religião e Estado: os embates entre os inimigos incluem declarações de guerra e incentivo a atos agressivos perpetrados por grupos terroristas. É interessante mencionar que Ali Kamel, em seu livro *Sobre o Islã*, considera que nomear os grupos terroristas de inspiração islâmica de “fundamentalistas” implica atribuir a eles uma nobreza que não possuem. Kamel propõe chamá-los de grupos autoritários com soluções extremas e violentas, que apesar da inspiração religiosa, não representam o pensamento da maioria do mundo islâmico (KAMEL, A. 2007).

Segundo Werner Bohleber (2008, p. 117):

As ciências sociais consideram o fundamentalismo como movimentos de protesto que, apesar de sua variedade, são similares em pelo menos um aspecto: ao invés de interpretar os processos de mudança dramática como modernização primariamente positiva, eles os veem pela lente de suas tradições religiosas como processos de decadência. O protesto fundamentalista islâmico dirige-se contra as transformações sociopolíticas que afetaram grande parte do mundo muçulmano nos últimos cem anos.

Islamismo

O islamismo foi fundado por Maomé (corruptela hispânica para Muhammad) no século VII, na atual região da Arábia Saudita. Maomé reuniu a base da fé islâmica, segundo ele, inspirado pelo anjo Gabriel, num conjunto de versos conhecido como Alcorão. Maomé demonstra conhecer e respeitar os livros sagrados revelados anteriormente (a Torá e os Evangelhos), mas faz deles uma releitura, dizendo-se descendente de Abraão. Assim, da mesma forma que o cristianismo e o judaísmo, as raízes do islamismo também estão ligadas ao profeta e patriarca Abraão. Para os muçulmanos, o islamismo é a restauração da fé de Abraão. Após a morte de Maomé, sua herança política foi duramente disputada, provocando uma divisão que permanece até hoje entre “sunitas” — seguidores da *Suna*

(caminho) e maioria no Islã até hoje — e “xiitas” — partidários de Ali, imã. Impulsionada pela doutrina do Islã, a Arábia foi unificada, dando início à expansão do império árabe. Os seguidores do Alcorão acreditavam que deveriam converter todos ao islamismo através da *jihad* (esforço em árabe). Firmados nessa crença, eles expandiram sua religião pelo norte da África, Península Ibérica e regiões da Ásia.

Os ensinamentos de Maomé incluem, além de preceitos religiosos, instruções para a organização de um Estado muçulmano e normas para orientar os relacionamentos pessoais e o dia a dia. De acordo com o Islã, todo muçulmano nasce puro, mas para ganhar o reino dos céus ele precisa cumprir determinadas obrigações, que constituem os cinco pilares da religião islâmica:

1. A propagação da crença num Deus único.
2. Oração, que deve ser feita cinco vezes ao dia.
3. Jejum durante o mês do Ramadã (mês em que o Alcorão foi revelado a Maomé).
4. O *zakat*, doação anual obrigatória ao governo para redistribuição posterior.
5. Peregrinação anual a Meca.

Além dessas obrigações, o seguidor do islamismo tem o dever de promover o bem e reprimir o mal, evitar a usura e o jogo e não consumir álcool nem carne de porco. Um dos principais desafios do muçulmano é obter êxito na *jihad* — que, ao contrário do que muitos acreditam no Ocidente, não significa exatamente “guerra santa”, mas sim o esforço e a luta do muçulmano para agir corretamente e cumprir o caminho indicado por Deus. Os muçulmanos acreditam na unidade da “nação” do Islã – crença simbolizada pela gigantesca peregrinação anual a Meca, que reúne muçulmanos vindos de todas as partes do mundo.

Salafi - Movimentos de retorno à origem do islamismo

Seguiremos aqui as informações históricas sobre o Islã fornecidas por Ali Kamel (KAMEL, A. 2007). Movimentos visando o retorno a uma origem idealizada, de purificação da religião, sempre se fizeram presentes na tradição islâmica. Ibn Taymiyya, filósofo muçulmano do século XIII, e Al-Wahhab, do século XVIII, formam a base desse pensamento conhecido como *salafi*, palavra árabe usada para se referir ao período inicial do Islã.

Al-Wahhab fundou o movimento que ficou conhecido como “wahhabismo”, considerado a base religiosa para o terrorismo islâmico. Al-Wahhab propôs um retorno radical às origens. Sunita ultra-ortodoxo, dizia que o objetivo do governo islâmico era “crer em Allah, ordenar o bom comportamento e proibir o ilícito”. De acordo com Kamel (2007), no wahhabismo:

Deve-se viver como eles acreditam que o Alcorão prega, observando-se estritamente a Charia (o código de leis muçulmano); os costumes devem ser apenas aqueles mencionados nas Hadith (a coletânea de ditos e feitos de Maomé e seus companheiros). A música, a dança, o álcool e o fumo estão banidos, e às mulheres é imposta uma condição de segunda classe. Elas não podem dirigir e só podem viajar

na companhia do marido ou de algum parente masculino de primeiro grau. Os homens são obrigados a fazer as cinco orações, e, às sextas, devem comparecer às mesquitas, sob pena de para lá serem levados sob vara. As punições físicas estão em pleno vigor: adúlteros têm de ser apedrejados, ladrões devem ter o braço amputado, e a pena de morte deve ser executada em lugares públicos.

O crescimento do wahhabismo no início do século XX foi fundamental para a legitimação do Estado da Arábia Saudita. Porém, as ideias radicais de Al-Wahhab tiveram outras consequências. Em 1928, foi criada por Hassan al-Banna, no Egito, a Irmandade Muçulmana. Seus adeptos tinham um ardente desejo de volta ao passado, idealizado como um estado de pureza que, supostamente, teria existido no tempo do profeta Maomé. Hassan al-Banna transpôs a pregação wahhabista para o campo político, defendendo a ideia de que a divisão do mundo muçulmano em nações-Estado era essencialmente anti-islâmica. Al-Banna pregava a união de todos os muçulmanos numa só nação, sob o comando de um novo califa (representante ou sucessor de Maomé). Ele dizia: "O Islã é fé e devoção, é um país e é cidadania, é uma religião e um Estado, é espiritualidade e trabalho duro, é o Alcorão e a espada. Deus é o nosso objetivo, o Mensageiro é o nosso exemplo, o Alcorão é a nossa constituição, a *jihad* é o nosso método, e o martírio é o nosso desejo"(KAMEL, A. 2007). Desnecessário dizer que a Irmandade Muçulmana foi um sucesso imediato entre o povo pobre do Egito.

Em 1945 a Irmandade sofreu uma mudança radical: aderiu à violência e ao terror, praticando assassinatos políticos com o objetivo de derrubar a monarquia egípcia. Essa mudança foi possível porque Al-Banna foi o primeiro a modificar o conceito de *jihad*, antes sempre definido de duas maneiras: uma "guerra" interna que o crente deve travar dentro de si para se manter no reto caminho, ou uma guerra defensiva propriamente dita, em caso de ataques de infiéis contra uma nação muçulmana. Para Al-Banna, *jihad* passou a ser a guerra que todo verdadeiro muçulmano deve enfrentar, com o propósito de reverter o mundo muçulmano ao islamismo puro, mesmo que, para isso, tenha de pagar com a própria vida.

Em 1948, a Irmandade foi posta na clandestinidade e seus bens confiscados. No ano seguinte, Al-Banna foi assassinado, aos 43 anos, por agentes secretos do governo egípcio, tornando-se a partir daí um mártir para os fanáticos e um exemplo a ser seguido. Nessa época, os militantes costumavam marchar pelas ruas do Cairo, gritando: "Nós não temos medo da morte; nós a desejamos". Foi daí que surgiu a frase usada pela Al-Qaeda como desfecho de suas declarações: "Vocês amam a vida; nós, a morte".

Após a morte de Al-Banna, Sayyid Qutb ganhou relevância como o ideólogo mais importante da Irmandade e principal mentor dos terroristas. Sayyid Qutb formou-se em educação e trabalhou para o Ministério da Educação do Egito. Em 1948 foi enviado aos Estados Unidos para se inteirar dos novos métodos educacionais e dos currículos americanos. A intenção do governo egípcio era fazer com que ele ampliasse seus horizontes, mas o resultado foi trágico. Depois de passar dois anos e meio nos Estados Unidos, ele voltou para o Egito, descrevendo o que viu naquele país como o reino do pecado e da decadência. Para ele, as igrejas, haviam se transformado em centros de lazer, verdadeiros *playgrounds* sexuais; a liberdade das mulheres, mais que excessiva, revelava um desrespeito aos valores mais sagrados de Deus, e os costumes sociais e políticos dos ocidentais atentavam contra as leis divinas. Qutb, que era um homem religioso e conservador antes de sua experiência americana, transformou-se em um radical.

Em 1951, Sayyid Qutb aderiu à Irmandade Muçulmana e passou a ser o seu principal teórico. Quando publicou *Sinalizações na Estrada*, sua obra mais conhecida e radical, considerada a bíblia do terror islâmico, foi preso por pregar a derrubada do governo, por conspiração e traição. Julgado, foi enforcado em 1966. No período em que esteve na prisão sofreu toda sorte de tortura, mas não parou de escrever. O resultado foi uma obra monumental, de trinta volumes, que recebeu o nome de *À Sombra do Alcorão* — uma minuciosa exegese do livro sagrado dos muçulmanos. O ódio ao Ocidente é a grande marca de sua obra.

Assim como Al-Banna, Qutb não tinha dúvidas existenciais. Frente às questões eternas (Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?) ele tinha uma resposta simples: "O Alcorão explicou para o homem o segredo de sua existência e o segredo do universo que o cerca. Ele revelou quem é o homem, de onde ele veio, qual o seu propósito e para onde ele vai". Como Al-Banna, Qutb acreditava que até mesmo o mundo muçulmano encontrava-se em estado de *jahilliyyah*, a ignorância pré-islâmica.

Apesar das semelhanças, Qutb superou Al-Banna, tornando-se o principal responsável pela transformação ocorrida no movimento radical islâmico. Se antes a luta era para devolver ao Islã sua forma original e reunir todos os muçulmanos num só califado, depois de Qutb a meta passou a ser a conversão do mundo inteiro, sem exceção, ao islamismo. Foi Qutb quem lançou as bases para uma *jihad* mundial, hoje o principal objetivo da Al-Qaeda de Bin Laden. Qutb deixou bem claro que a meta de expandir o Islã só poderia ser alcançada com o uso da força:

O estabelecimento do domínio de Deus sobre a terra não pode ser atingido apenas com pregação. Aqueles que usurparam o poder de Deus não desistirão do seu poder meramente através de pregação. Se assim fosse, a tarefa de estabelecer a religião de Deus no mundo teria sido muito fácil para os profetas de Deus. E isso vai contra todas as evidências da história dos profetas e da história das lutas da verdadeira religião, em todas as gerações (KAMEL, A. 2007).

Depois de mais de dez anos na prisão, Qutb foi enforcado, em 1966, a mando do presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser. A morte transformou-o num mártir. Seus adeptos foram perseguidos de forma implacável pelos ditadores árabes laicos nas décadas de 60, 70 e 80. A Irmandade continua ativa em todos os países árabes, apesar de muitas dissidências. Foi daí que surgiu a *jihad* islâmica e quase todos os grupos terroristas, entre eles o Hamas. A história da Al-Qaeda está ligada de forma indissociável à Irmandade. Mohamed Qutb, irmão do ideólogo do terror Sayyid Qutb, mudou-se para a Arábia Saudita na década de 50, trabalhando como professor por vários anos. Na década de 70, um de seus alunos chamava-se Bin Laden.

O Percurso de Bin Laden

O primeiro grande parceiro de Bin Laden foi Abdullah Azzam, fundador da Irmandade Muçulmana da Palestina e uma das autoridades mais respeitadas em *Charia*. Quando os soviéticos invadiram o Afeganistão, no início da década de 80, Azzam mudou-se para o Paquistão, onde passou a se dedicar, de corpo e alma, a uma verdadeira *jihad*. Pouco tempo depois foi para o Afeganistão, onde criou a MaK (Maktabu I-Khidamat, que quer

dizer "escritório de serviços"), uma organização destinada a recrutar, treinar e armar guerrilheiros em todo o território muçulmano. Nesse mesmo período, Bin Laden, um jovem de 25 anos, 17º filho de um bilionário saudita de origem iemenita, partiu também para o Afeganistão e juntou-se a Azzam, tornando-se em breve um dos principais líderes da organização e um de seus maiores financiadores. Nove anos mais tarde, com a derrota dos soviéticos, Bin Laden retornou à Arábia Saudita como herói. Nesse período, a MaK doutrinou e treinou cerca de 10 mil homens, para que quando voltassem a seus países (Egito, Argélia, Arábia Saudita, Turquia), estivessem prontos a organizar seus próprios grupos terroristas.

Assim que o Iraque invadiu o Kuwait e a Arábia Saudita aceitou a ajuda americana para expulsá-lo de lá, evitando, assim, a invasão de seu próprio território, houve muita discussão. Bin Laden e muitos no reino não se conformavam com a ajuda dos *kuffars* (não-muçulmanos) no que consideravam uma *jihãd*. Se eles haviam enfrentado o império soviético no Afeganistão e obtido êxito, por que não seriam capazes de enfrentar Saddam Hussein no Kuwait? Bin Laden passou a desafiar a família real saudita, acusando-a de não praticar o Islã puro, *salafi*. Com a retórica de que tropas americanas estavam maculando as terras santas do Islã, Bin Laden anunciou uma luta contra a família real e acabou expulso do país.

Bin Laden seguiu primeiro para o Afeganistão, onde passou um ano, mudando-se depois para o Sudão, onde permaneceu por quatro anos, com total liberdade para continuar seus negócios (banco, construtora, empresas de exportação e importação). Por pressão americana, acabou sendo expulso novamente, voltando para o Afeganistão, onde se supõe que esteja até hoje. Em 1998, ele divulgou um manifesto onde afirmava que matar americanos e seus aliados, civis e militares, era uma obrigação individual de todo muçulmano.

No dia 11 de setembro de 2001, dezenove terroristas islâmicos seqüestraram quatro aviões dos Estados Unidos em um ataque terrorista sem precedentes. Todos eram homens jovens e solteiros (exceto um), unidos pela fé no Islã em sua vertente wahhabista e leais à Al-Qaeda de Bin Laden. Dos dezenove homens, treze eram cidadãos da Arábia Saudita. Mesmo não tendo o apoio ideológico da maioria do mundo islâmico, os terroristas ainda são numerosos, e todos têm uma ideia clara do que pretendem fazer. São resolutos, determinados, prontos a dar a vida pela causa que defendem, e já demonstraram que sabem como agir para matar. Acima de tudo, porém, eles "sentem" que Deus está do lado deles, portanto, não precisam temer a morte.

Seguimos assim a linha histórica do movimento *salafi* (fundamentalista?), começando por Al-Wahhab e passando por Hassan al-Banna e Sayyid Qutb até chegarmos a Bin Laden e à organização terrorista Al-Qaeda. Observamos aqui a transformação ocorrida no pensamento islâmico original de Maomé, que a partir do monoteísmo fundou o Islã. Enquanto o Alcorão diz: "Não permita que seu ódio às pessoas o torne injusto. Seja amável; é o mais próximo de ser verdadeiramente consciente de Deus", a ideologia atual justifica e incentiva o terrorismo, o que fica claro nas palavras de Bin Laden: "Matar americanos e seus aliados, civis e militares, é uma obrigação individual de todo muçulmano".

Conclusão: a Relevância do Fenômeno Religioso

Este panorama evidencia a complexidade e a necessidade de investigações mais profundas. Porém, nos permite concluir que os movimentos fundamentalistas, na sua origem, representam uma reação religiosa e social com o propósito de restabelecer a intensidade da convicção religiosa com um sentido existencial, fundamentada na sacralização do texto religioso (Bíblia, Alcorão, Suna, Torá) em sua interpretação literal, na confiança absoluta no líder, na militância intensa (rede de fiéis) e no enérgico antagonismo ao inimigo, identificado objetivamente. A princípio, os movimentos fundamentalistas são de caráter pacífico e atuam mais no campo das ideias, gerando conforto psíquico e estabilização nas tensões geradas pela turbulência social. Em alguns casos, porém, quando adquirem força econômica e política, suas ações podem ter graves consequências, gerando violência, terrorismo, intolerância política e opressão social, entre outras coisas.

Em épocas de turbulência social, política e econômica, os grupos podem reagir de diferentes formas. No caso dos movimentos fundamentalistas, consideramos que se trata de uma reação de caráter religioso, envolvendo tanto uma dimensão individual/privada, expressa nas crenças pessoais, desejos, medos etc., como uma dimensão coletiva/social, em que diversas pessoas ligadas a um líder, dentro de um espaço/tempo comum, realizam ações planejadas e executadas coletivamente. Segundo Odilon de Mello Franco Filho, “a representação privada que cada indivíduo tem de Deus se relaciona com a representação de Deus fornecida pelo ambiente cultural e pela religião institucionalizada em que ele vive, numa interação bi-unívoca” (FRANCO FILHO, O. M., 1995). Concluimos assim que os elementos constitutivos do movimento fundamentalista fazem parte do repertório religioso e cultural do grupo em que ele aparece.

No Brasil, é costume dizer que futebol, religião e política não se discutem. Percebi o quanto essa expressão é verdadeira ao me deparar com a pequena quantidade de investigação psicanalítica no campo da religião. Evitar a discussão de certos assuntos parece oferecer um terreno fértil para o surgimento de movimentos fundamentalistas. Os aspectos mais primitivos da religiosidade permanecem não pensados o que os tornam manipuláveis em momentos de turbulência. Odilon de Mello Franco Filho (1995) diz o seguinte:

Existe uma cegueira em relação aos sentimentos religiosos inconscientes dos analisandos e disso decorre sua não elaboração porque esse aspecto tem sido o ponto cego de nossas teorias e de nossa formação psicanalítica. Ao não ousar transgredir os postulados freudianos sobre religião, empobrecemos a investigação e damos testemunho de que nossa disciplina pode se transformar num outro establishment religioso.

A ideia de que a religião seria relegada a um plano secundário e estaria fadada a perder importância com o desenvolvimento da ciência carece de sentido atualmente. Grande parte dos conflitos atuais envolve questões religiosas e em muitos deles nota-se uma religiosidade primitiva a serviço de interesses políticos ou econômicos. Nossos conceitos a respeito do fenômeno religioso se mostram escassamente desenvolvidos. A pouca elaboração e o pouco pensar fazem da religiosidade um instrumental útil para a conquista de poder. Penso que precisamos ir além do diagnóstico de Freud em *O Futuro de uma Ilusão*, de que “a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade” (FREUD, S.,

1927). Este diagnóstico certamente é importante, porém, uma investigação psicanalítica dos processos psíquicos individuais e grupais, presentes nos movimentos religiosos, será de grande valia para uma melhor compreensão dos movimentos fundamentalistas, possibilitando que suas consequências hostis sejam mitigadas.

Para finalizar, recorro novamente às palavras de Odilon de Mello Franco Filho: “As transformações da representação de Deus, ao longo da vida, acompanham a capacidade de representação simbólica da pessoa, participam do senso de identidade, fornecem elementos para identificação com o grupo social a que ela pertence e podem estar a serviço tanto do processo de equilíbrio e maturação, quanto serem um impedimento a eles”. (FRANCO FILHO, O. M. 1995, p. 864).

Bibliografia

- BION, W. R. (1975). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago.
- BOHLEBER, W (2008). Ensaio 7: Fantasmas coletivos, destrutividade e terrorismo. In: VARKIN, S. e VOLKAN, S. orgs. *Violência ou diálogo?* Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CALVANI, C. (2003). *Correlatio: Deus e o diabo na terra do frevo*; o maniqueísmo retórico de Dom Robinson Cavalcanti. Disponível em <http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio04/deus-e-o-diabo-na-terra-do-frevo-o-maniqueismo-retorico-de-dom-robinson-cavalcanti/>. Acesso em: nov. 2007.
- FRANCO FILHO, Odilon de Mello (1995). Experiência religiosa e psicanálise: do Homem-Deus ao Homem-com Deus. *Revista Brasileira de Psicanálise*, XXIX (4), p. 859-872.
- FREUD, S. (1939) [1934-38]. Moisés e o monoteísmo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KAMEL, A. (2007). *Sobre o Islã*; a afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LOPES, A. Nicodemus (1995). *Entendendo os fundamentalistas*; Parte 1. Disponível em <http://www.teologiabrasileira.com.br/Materia.asp?MaterialD=204>. Acesso em: nov. 2007.
- ORO, I. (1996). *O outro é o demônio*; uma análise sociológica do fundamentalismo. São Paulo: Paulus.
- PACE, E. (1990). Apud *Il regime della verità*. Bolonha: Società editrice il Mulino. p. 106; apud ORO, I. (1996), p. 119.
- THOMSON, A. (2008). Ensaio 4: Primatas assassinos na American Airlines ou como a religião foi o principal sequestrador em 11 de Setembro. In: VARKIN, S. e VOLKAN, S. orgs. *Violência ou diálogo?* Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo. São Paulo: Perspectiva, 2008.